

CAPÍTULO 5

O CERRADO E A ESCOLA: compartilhando saberes, construindo caminhos

Naquele tempo os brinquedos não vinham empacotados, mas despencavam de nossas criatividade e se materializavam em buchas que viravam bois, em panos que viravam bonecas e em tijolos que riscavam no chão o formato de um garrafão, onde todos se tornavam prisioneiros. Quem dera nossas crianças ainda continuassem aprisionadas no garrafão riscado no chão. O que hoje as ameaça não é mais uma prisão imaginária, moralmente respeitada como regra compreendida de um jogo, delineada por um risco de tijolo no chão. As prisões de hoje entram pelos olhos e a regra é matar ou morrer. Já não existe espaço para o inocente, para o ingênuo e para o meramente lúdico. A violência ofuscou a simplicidade do mundo infantil. Trocamos os boizinhos feitos de buchas por metralhadoras de plástico, por videogames que excitam os olhos de nossas crianças e retiram delas o sono. Naquele tempo as crianças não tinham insônia, porque o cansaço das brincadeiras as levava cedo para a cama. (FÁBIO DE MELO)

5.1- “A escola vai ao Cerrado”

Iniciamos nosso trabalho sugerindo uma ampliação da idéia de cidadania que seja capaz de implantar uma conduta humana sintonizada com a dinâmica de todos os outros seres do planeta Terra, buscando, assim, sua perpetuação. Em seguida, entramos na lógica da Educação Ambiental praticada nas escolas, mostrando que a mesma não tem conseguido ser uma alternativa competente na busca dessa ampliação. Agora, tendo como norte os saberes tradicionais descritos no capítulo anterior, chegamos ao último capítulo de nossa tese, onde iremos sugerir estratégias metodológicas fundamentadas no resgate destes saberes, colocados à margem pelos processos de modernização e globalização da sociedade humana.

Desde o início de nossa pesquisa, alimentamos o sonho de promover um *encontro* entre os professores e os agricultores familiares. Na verdade, a idéia do encontro tinha, para nós, dois sentidos: um deles, o que se relaciona ao grande objetivo deste trabalho, diz respeito ao encontro dos saberes da escola com os saberes tradicionais, à troca de vivências, sentimentos e visões com o povo, como parte de uma opção da escola em adotá-los como referência pedagógica e metodológica, como

“manual de sobrevivência” neste mundo onde os valores, antes sólidos, definidos e tidos como um apoio, se tornaram, para muitos, um amontoado de palavras vagas e sem sentido, antipatizados por muitos jovens e esquecidos por tantos adultos empanturrados de matéria e prazer imediato. Diante disso, não concebemos a possibilidade de uma Educação Ambiental verdadeiramente eficaz sem que comece por mudanças estruturais no próprio ser humano, seus valores, suas prioridades, suas perspectivas.

É importante frisarmos que esta nossa posição nada tem a ver com a restrição da Educação Ambiental ao campo da mudança de comportamentos pura e simplesmente, o que poderia se assemelhar a uma espécie de condicionamento ou adestramento do aluno. Toda bagagem histórica de atuação política e sindical que detemos, nos capacitou para o entendimento da Educação Ambiental como uma trama muito complexa, que não se deixa captar na mera expressão comportamental dos indivíduos.

Aliás, em nossa opinião, a Educação Ambiental exercida nas escolas, ao priorizar o simples repasse de informações e conceitos, e a realização de atividades pontuais e superficiais, pretende que comportamentos sejam mudados, mas, assim estruturada, ela deixa dois vazios procedimentais os quais consideramos de suma importância refletir: a discussão e o aprofundamento dos valores humanos, que se refere à dimensão individual, familiar e comunitária, e a produção de práticas sociais implicadas no fazer histórico, a qual inclui saberes constitutivos da esfera pública e da política onde se exerce a ação humana.

Portanto, nossa proposta de tocar em dimensões humanas desconsideradas pelo racionalismo, iniciado, no contexto da escola, pelos educadores, é essencialmente política. Desalojados da cômoda posição de “condicionadores de crianças”, os mesmos deverão resgatar identidades, fomentar criatividade, colaborar na construção de personalidades equilibradas, capazes de atuar nos diversos espaços da sociedade com o diferencial da ética e da cidadania planetária.

O outro sentido do encontro era literal: sonhamos em promover um encontro entre as duas comunidades, para dar mais corpo às idéias que nos estimularam desde os primeiros momentos do curso de doutorado. Assim, o encontro foi pensado como fechamento do trabalho de campo, e compôs o encontro de saberes, grande motivo desta tese. Depois de conhecer a prática da Educação Ambiental desenvolvida pelas escolas e de conhecer o dia-a-dia da Associação Nova Esperança, além das outras experiências relatadas nas entrevistas citadas, provocamos uma aproximação entre todos. Assim, às vésperas do dia 19 de fevereiro deste ano de 2006, data do encontro, a Associação Nova

Esperança iniciou uma grande mobilização repleta de carinho, dedicação, cuidado e respeito pelos visitantes que chegariam. Foram feitas algumas reuniões para explicitar o objetivo do encontro e para definir as equipes de trabalho. O nome do encontro foi assim definido: *CERRADO E ESCOLA: compartilhando saberes, repensando a Educação Ambiental*.



FIGURA 25: Reunião de preparação para o encontro
Autor: OLIVEIRA, H.J.de/ 2006



FIGURA 26: Faixa na entrada da Associação Nova Esperança
Autora: OLIVEIRA, M.G.R./ 2006

Nessa altura do trabalho, ou seja, depois de seis meses visitando a Associação semanalmente e conversando com as pessoas sobre o sentido do trabalho, os associados se mostravam mais maduros no entendimento de que seus saberes são importantes, não apenas para si próprios, mas como referência de resistência cultural e de uma visão de

vida desvinculada do apego irracional e do egoísmo doentio, além de fortemente ligada a uma simplicidade que encanta, intriga e desafia.

Tínhamos a intenção de levar os educadores das series iniciais do ensino fundamental, educadores ambientais em potencial, a, primeiramente, enxergarem a necessidade de promovermos mudanças no sistema de valores que atualmente determinam a economia global, criando um sistema compatível com as exigências da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica, e, depois, saber por onde começar, considerando o exercício de educador. Estamos certos de que não é mais possível pensar numa sociedade sustentável, igualitária, justa e feliz sem essa revisão de valores, sem questionar a ética à qual a sociedade da morte se vincula.

Diante disso, num gesto carregado de simbolismo, a Associação Nova Esperança recebeu as professoras, acolheu suas angústias pessoais e suas frustrações profissionais, mostrando, sem discursos ou palestras, que a felicidade genuína é possível. Foi um dia que mexeu com as pessoas, com algo dentro delas que nem sempre é possível expressar com palavras. Para os moradores da Associação, o encontro também representou um momento importante. Como afirmamos anteriormente, eles não imaginavam que seu jeito simples de viver e conviver poderia servir de referência para alguém. No momento em que falavam de sua vida na Associação, pudemos perceber pessoas paralisadas, emocionadas, um silêncio quebrado apenas pela movimentação das crianças. Era uma mistura de saudade de um tempo que já se foi, com a alegria da possibilidade de um tempo mais feliz. “Nem tudo está perdido”, me disse uma professora.

O encontro contou com a presença dos membros da Associação Nova Esperança, professoras das escolas onde realizamos a pesquisa e alunos do curso de Ciências Biológicas da UNIPAC, além dos convidados que dividiram conosco seus conhecimentos. O encontro teve a seguinte estrutura:

- Chegada → recepção com café da manhã feito pelas mulheres da Associação.
- Apresentação → feita por meio da dinâmica da teia, onde todos se conhecem e, ao mesmo tempo, tecem uma teia com linhas coloridas, mostrando a unidade que nos liga.
- Resgate de músicas da infância dos participantes → coordenado por Maria Teresa de Beaumont e Antônio Cezar Rosa, professores do Conservatório Estadual de Música de Araguari, que desenvolvem o projeto *Música na Escola*.

- Bioenergética e plantas medicinais → Cláudio Barbosa e Vera Lúcia Petech Barbosa, casal de agricultores familiares citado no capítulo 4.
- Almoço
- Depoimento dos membros da Associação Nova Esperança
- Debate
- Música de raiz → Grupo Trem das Gerais
- Lanche
- Celebração final → Frei Rodrigo de Castro Amédee Pèret, franciscano ligado à diocese de Uberlândia, e Frei Damiano Lanzone, franciscano da Província Salernitano – Lucana da Imaculada Conceição/Itália.



FIGURA 27: Painel de fotos do encontro
Autores: OLIVEIRA, M.G.R./ 2006 – OLIVEIRA, H.J.de/ 2006

O encontro foi tema do programa *Super Zoom* do Canal da Gente, em 23 de fevereiro de 2006, e recebeu várias críticas interessantes por parte da comunidade araguarina, especialmente da comunidade escolar. Além de nossa participação, a entrevista reuniu uma moradora da Associação, uma professora do Centro Educacional Municipal João Pedreiro e uma aluna do Curso de Ciências Biológicas da UNIPAC/Araguari. De posse da cópia da entrevista, fizemos uma reunião de avaliação do encontro na Associação.

Também voltamos às escolas para conversar com as professoras que foram ao encontro. Interessante perceber que as lembranças que marcaram foram, principalmente, aquelas que tocaram a dimensão da emoção, da saudade de um tempo que algumas vivenciaram e que foi de muita importância em suas vidas. O sentimento de alegria com o encontro contagiou outras pessoas na escola que não puderam estar presentes, e recebemos muitos pedidos para que acontecesse novamente. Ouvimos frases como “eu voltei de lá sentindo que havia me reencontrado”, ou as palavras de uma professora que vivencia problemas de alcoolismo em casa: “há muito tempo não passava um domingo com tanta alegria e nenhuma gota de álcool”.

Na segunda-feira seguinte à data do encontro, dia 20 de fevereiro, fomos surpreendidos pelo grupo de alunos do curso de Ciências Biológicas da UNIPAC que foi ao encontro, para os quais, na época, ministrávamos a disciplina Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia, com um presente: o livro *Pais brilhantes, Professores fascinantes*, de Augusto Jorge Cury, obra que muito tem contribuído na construção da proposta que iremos apresentar adiante. Antes de entregá-lo, os alunos, jovens entre 20 e 24 anos, tocaram fundo em nossa emoção ao falarem do quanto o encontro havia sido oportuno e importante para cada um deles. Alguns, não conseguindo expressar com palavras seus sentimentos, choraram e nos abraçaram; outros disseram do quanto suas visões da vida haviam sofrido fortes abalos e que, mesmo tendo esta certeza, não conseguiam dizer por quê. Uma aluna disse de sua vontade de continuar indo à Associação e, a partir dessa idéia, o grupo lá esteve algumas vezes. Como futuros biólogos, conheceram o entorno da Associação, que apresenta uma linda paisagem natural, fizeram alguns estudos e coletaram material para trabalhos acadêmicos, além de conversarem muito com os associados.

Enfim, o encontro foi um dia ímpar na vida de cada um de nós que lá estivemos. Arriscando uma analogia, foi como se saíssemos da psicose materialista, da sufocante fumaça que obscurece nosso olhar para a realidade, e do efeito paralisador da toxina que endurece nosso coração, e abrísssemos uma janela de onde podíamos ver um jardim florido, perfumado, um lugar onde as relações são verdadeiras, onde planta, bicho e homem comungam do prazer da vida vivida em parceria, onde não se precisa usar máscaras para ser valorizado e nem subterfúgios para ser reconhecido, onde o que vale é a essência, onde o “barato” é ser a gente mesmo, onde a simplicidade toma seu lugar e a vida volta a ter sentido. Lembramos de uma crônica do padre Fábio de Melo (2006) que lemos em sua página na internet¹, e que traduz poeticamente o sentido da simplicidade, o qual tão bem pôde ser experienciado pelos participantes do encontro:

tudo que é belo tende a ser simples. Afirmação generalizante? Não sei. O que sei é que a beleza anda de braços dados com a simplicidade. Basta observar a lógica silenciosa que prevalece nos jardins. Vida que se ocupa de ser só o que é. Não há conflito nos bromélias, não há angústia nas rosas, nem ansiedades nos jasmims. Cumprem o destino de florirem ao seu tempo e de se despedirem do viço quando é chegada a hora. São simples. Não querem outra coisa senão a necessidade de cada instante. Não há desperdício de forças, não há dispersão de energias. Tudo concorre para a realização do instante. Acolhem a chuva que chega e dela extraem o essencial. Recebem o sol e o vento, e morrem ao seu tempo. Simplicidade é um conceito que nos remete ao estado mais puro da realidade. A semente é simples porque não se perde na tentativa de ser outra coisa. É o que é. Não desperdiça seu tempo querendo ser flor antes da hora. Cumpre o ritual de existir, compreendendo-se em cada etapa.

Também no encontro, as pessoas se ocuparam apenas em ser quem realmente são, estimuladas pela simplicidade cotidiana e genuína dos agricultores familiares. De certa forma, suas almas se sentiram confortáveis e “em casa”. Impossível não ver como as escolas podem se beneficiar com momentos como aquele. Da mesma forma, impossível não reconhecer como será difícil esse salto: passar de onde estamos para onde queremos chegar, da Educação Ambiental que temos para aquela que vislumbramos. Mas... precisamos começar! Ao propor uma metodologia que pretende dialogar com os saberes tradicionais, estamos, antes de qualquer coisa, conscientes das dificuldades, do imenso abismo que muitos terão que transpor, mas, também, estamos certos de que outros tantos já estão preparados, prontos para começar, abertos para ouvir e dispostos a arriscar.

¹ www.fabiodemelo.com.br/crônicas. Acesso em 28/11/06

5.2- Assim chegamos à proposta

Por tudo o que foi colocado, nossa proposta, diferentemente daquela do mestrado, não está direcionada à escola, mas, antes, aos educadores, pois acreditamos que mudança tão profunda jamais se dará verticalmente, por meio da famosa metodologia “de cima para baixo”. Não cremos, também, em resultados imediatos, mas em ações imediatas que possam passar por avaliações e reavaliações constantes. Nossa proposta pretende, em síntese, estabelecer um elo de ligação entre uma realidade de fato que, ao ser encarada e desafiada, tenderá a ser transformada numa realidade mais próxima daquilo que nossas expectativas alimentam.

Nossa intenção, após a defesa desta tese, é levar a proposta a todas as escolas do município de Araguari, e montar um grupo, em nível municipal, para discuti-la freqüentemente, aprofundar pontos teóricos desta tese e de outros autores, trocar experiências, vivências, possíveis frustrações e avanços, crescer pessoal e profissionalmente. Esta proposta, posteriormente transformada em projeto transdisciplinar, deverá fazer parte das atividades do *Núcleo de Estudos em Educação Escolar da UNIPAC*, o qual será oficialmente criado no início do ano de 2007.